



Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

# Presbítero, Anunciador da Palavra de Deus, Educador da Fé e da moral da Igreja

ISBN 978-85-7972-32-1



9 788571 972321



Subsídios Doutrinais

5

## Subsídios Doutriniais - 05

## **Coleção Subsídios Doutrinais**

- 1 - Aparições e Revelações Particulares.
- 2 - A Teologia Moral em meio a Evoluções Históricas.
- 3 - Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.
- 4 - Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental.
- 5 - Presbítero, Anunciador da Palavra de Deus, Educador da Fé e da moral da Igreja



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

CNBB

Presbítero, Anunciador  
da Palavra de Deus,  
Educador da Fé  
e da moral da Igreja



---

C748p Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Presbítero, Anunciador da Palavra de Deus, Educador da Fé e da moral da Igreja. Brasília, Edições CNBB. 2010.

Presbítero, Anunciador da Palavra de Deus, Educador da Fé e da moral da Igreja.  
72 p. : 14 x 21 cm  
ISBN: 978-85-7972-032-1

1. Querigma, Anúncio 2. Evangelização 3. Missão 4. Igreja Católica 5. Catequese.

CDU - 268

---

1ª Edição - 2010

COORDENAÇÃO: Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Pe. Valdeir dos Santos Goulart

PROJETO GRÁFICO E CAPA: Fábio Ney Koch dos Santos

DIAGRAMAÇÃO: Henrique Billygran da Silva Santos

REVISÃO FINAL: Pe. Wilson Luís Angotti Filho

REVISÃO: Profª Maria Elizabete Silva Sá

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor - CNBB.

**Edições CNBB**

[www.edicoescnbb.com.br](http://www.edicoescnbb.com.br)

E-mail: [vendas@edicoescnbb.com.br](mailto:vendas@edicoescnbb.com.br)

Fone: (61) 2103-8383 - Fax: (61) 3322-3130

SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014

Brasília - DF

# SUMÁRIO

<b>SIGLAS</b> .....	7
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>SACERDOTE DE CRISTO, BOM PASTOR</b> .....	15
A fundamentação bíblica.....	15
Quem é o presbítero.....	19
A missão do presbítero.....	22
A vida do presbítero.....	25
Destaques.....	31
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>ANUNCIADOR DA PALAVRA DE DEUS</b> .....	35
O anúncio da Palavra de Deus no mundo de hoje.....	36
A fundamentação bíblica.....	40
O presbítero, anunciador da Palavra de Deus.....	41
O anúncio da Palavra de Deus.....	41
A homilia.....	46
Os Sacramentos.....	48
Destaques.....	50
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>EDUCADOR DA FÉ E DA MORAL DA IGREJA</b> .....	53
A Doutrina e a Moral da Igreja no mundo de hoje.....	53
A fundamentação bíblica.....	54
A fundamentação teológica.....	57
Destaques.....	59
<b>CONCLUSÃO</b> .....	63



# SIGLAS

DAp	Documento de Aparecida – Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007).
DMd	Documento de Medellín - A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, Medellín (1968).
DMVP	Diretório para o Ministério e Vida dos Presbíteros, da Congregação para o Clero, de 31 de janeiro de 1994.
DPb	Documento de Puebla – A evangelização no presente e no futuro da América Latina – Documento conclusivo da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1979).
DSD	Documento de Santo Domingo – Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1992).
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> , do Concílio Ecumênico Vaticano II, de 18 de novembro de 1965.
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> , de Paulo VI, de 08 de dezembro de 1975.
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> , do Concílio Ecumênico Vaticano II, de 21 de novembro de 1964.

MD	Carta Apostólica sob forma de <i>Motu Proprio Misericordia Dei</i> , de João Paulo II, de 07 de abril de 2002.
NMI	Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i> , de João Paulo II, de 06 de janeiro de 2001.
OT	Decreto <i>Optatam Totius</i> , do Concílio Ecumênico Vaticano II, de 28 de outubro de 1965.
PDV	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Pastores dabo Vobis</i> , de João Paulo II, de 25 de março de 1992.
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i> , do Concílio Ecumênico Vaticano II, 07 de dezembro de 1965.
Presbítero, mestre	Instrução <i>O Presbítero</i> . Mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio, da Congregação para o Clero, de 19 de março de 1999 (São Paulo: Paulinas, 1999).
Presbítero, pastor e guia	Instrução <i>O presbítero</i> . Pastor e guia da comunidade paroquial, da Congregação para o Clero, de 14 de agosto de 2002 (São Paulo: Paulinas, 2003).
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> , do Concílio Ecumênico Vaticano II, de 04 de dezembro de 1963.
Sínodo de 1971	O Sacerdócio Ministerial, do Sínodo de 1971, de 30 de novembro de 1971.

# APRESENTAÇÃO

Os sacerdotes são “um grande dom não só para a Igreja, mas também para a própria humanidade”, afirma o Papa Bento XVI na sua Carta por ocasião da Proclamação do Ano Sacerdotal, em 16 de junho de 2009. Da missão do sacerdote destacamos o aspecto profético, enquanto anunciador da Palavra de Deus. Consideraremos neste subsídio, sobretudo, o ministério do presbítero. Nesse serviço, inclui-se a tarefa urgente de despertar, nas comunidades, novas lideranças e outros ministros que ofereçam, abundantemente, o alimento da Palavra de Deus ao povo. O destaque à função profética não diminui a importância das demais funções ministeriais, antes lhes garante sustento e fecundidade para que nossa Igreja esteja, efetivamente, em estado permanente de missão. O anúncio da Palavra de Deus inclui os desdobramentos práticos dessa missão, referentes à doutrina e à moral da Igreja. A situação presente exige um anúncio claro e eficaz da Palavra de Deus, da qual os sacerdotes são os primeiros agentes na Igreja de Jesus Cristo. O Ano Sacerdotal quer contribuir para incrementar esta consciência, pois, como afirma o Vaticano II, cabe aos presbíteros tarefas de maior responsabilidade, na missão de renovação da Igreja (cf. PO 1 e OT 1).

Este subsídio está estruturado em três capítulos: apresenta a identidade do presbítero (primeiro capítulo), frisa sua missão evangelizadora (segundo capítulo), que inclui a educação na fé e na moral da Igreja (terceiro capítulo). O que se quer, no horizonte do Ano Sacerdotal, é considerar a identidade do presbítero e destacar a sua missão de anunciador da Palavra de Deus e, por consequência, de educador do Povo de Deus na fé e na moral da Igreja.

Esta tarefa missionária exige uma compreensão lúcida e profética do ministério sacerdotal, ancorada no “empenho de renovação interior de todos os sacerdotes para um seu testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo”, como frisa o Santo Padre Bento XVI (Carta acima citada). Este vigor sacerdotal tem sua expressão na dedicação diária e conjunta pela educação da fé do Povo de Deus e na ampliação da rede de anunciadores da Palavra de Deus para garantir alimento e congregação às comunidades que precisam crescer à luz do anúncio desta Palavra.

Desejamos que este Subsídio Doutrinal possa fomentar respostas novas e audaciosas no anúncio querigmático da Palavra de Deus, sendo o presbítero, na força de sua identidade, um grande evangelizador e suscitador de muitos e incontáveis operários e operárias na vinha do Senhor, anunciando sua Palavra e educando o Povo de Deus na fé e na moral da Igreja.

Agradecemos a Deus o empenho de todos os membros da Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé, com seus assessores e peritos, testemunhando empenho missionário, compromisso que hoje, mais do que nunca, pulsa no coração da Igreja.

**+ Walmor Oliveira de Azevedo**

Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte  
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral  
para a Doutrina da Fé.

# INTRODUÇÃO

1. O presente subsídio doutrinal tem como motivação dois acontecimentos da Igreja Universal: o Sínodo da Palavra de Deus e o Ano Sacerdotal. Esses dois acontecimentos são muito significativos para a Igreja que está no Brasil como para toda a Igreja. Por essa razão, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil não poderia deixar de dirigir sua palavra orientadora a todos os sacerdotes que exercem seu ministério pastoral em nosso país.
2. O Sínodo da Palavra, realizado de 5 a 26 de outubro de 2008, em Roma, com o tema *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, insiste na importância da Palavra de Deus para a vida e a missão da Igreja. Com isso, se descortina a tomada de consciência do papel insubstituível exercido pelos presbíteros na pregação da Palavra de Deus e no lugar central que ela ocupa em seu ministério pastoral.
3. O *Ano Sacerdotal*, foi convocado pelo Papa Bento XVI com a finalidade prioritária de “contribuir para fomentar o empenho de renovação interior de todos os seus sacerdotes, para seu testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo”<sup>1</sup>, aproveitando a celebração dos 150 anos da morte de São João Batista Maria Vianney, denominado padroeiro de todos os sacerdotes pelo atual Papa. O Ano Sacerdotal teve início no dia 19 de junho de 2009, dia da festa litúrgica do Sagrado Coração de Jesus, e terá seu término no dia 11 de junho de 2010, com a celebração da mesma festa litúrgica.

---

<sup>1</sup> BENTO XVI, *Carta do Papa aos sacerdotes por ocasião do ano sacerdotal*, de 18 de junho de 2009.

4. Uma das decisões marcantes da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em 2007, foi a convocação de todo o Continente latino-americano e caribenho para a Missão Continental<sup>2</sup>, que já foi lançada tanto no âmbito continental, quanto nacional. A dimensão missionária, tornada prioridade pela Igreja do Continente a partir da Conferência de Aparecida, traz exigências novas para a formação dos futuros presbíteros, principalmente considerando o presbítero como anunciador da Palavra de Deus, por excelência, e como “discípulo missionário”<sup>3</sup>.
5. Diante disso, a Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, oferece este subsídio aos sacerdotes, com a finalidade de se unir a essa celebração e, ao mesmo tempo, enfatizar um aspecto tão importante para o ministério presbiteral, que é o de anunciador da Palavra de Deus, também em consonância com os documentos recentes do Magistério e com a Quinta Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho de Aparecida. Tudo isso leva a considerar a necessidade de aprofundar, não apenas a identidade do presbítero, mas também a sua missão evangelizadora e as implicações práticas dessa tarefa.
6. O objetivo do presente documento é o de destacar a missão profética do presbítero, enquanto anunciador da Palavra de Deus, diante da importância desse serviço a ser realizado por ele, sem pretender diminuir a importância das demais funções ministeriais. Além disso, o documento

---

<sup>2</sup> DAp, n. 362; 551.

<sup>3</sup> DAp, n. 199.

trata dos desdobramentos práticos dessa missão, referentes à doutrina e à moral da Igreja. A situação presente exige um anúncio claro e eficaz da Palavra de Deus, da qual os sacerdotes são os primeiros agentes na Igreja de Jesus Cristo. O Ano Sacerdotal quer contribuir para incrementar esta consciência, pois, como afirma o Vaticano II, cabem aos presbíteros, na missão de renovação da Igreja, “tarefas de maior responsabilidade”<sup>4</sup>.

7. Este subsídio está estruturado em três capítulos, partindo da identidade do presbítero (primeiro capítulo), para frisar sua missão evangelizadora (segundo capítulo), a fim de chegar a questões da doutrina e da moral da Igreja (terceiro capítulo). Aproveitando a motivação do Ano Sacerdotal, se quer clarear a identidade do presbítero e destacar a sua missão de anunciador da Palavra de Deus e, por consequência, da doutrina e da moral da Igreja, para formar o Povo de Deus na fé, na vida espiritual, na doutrina e na moral.
8. O lema do ano sacerdotal *Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote* expõe bem a raiz da identidade do presbítero. Não há sacerdócio sem a referência originária a Jesus Cristo e à Igreja. O sacerdote, segundo o Papa Bento XVI, “deve ser todo de Cristo e todo da Igreja, à qual é chamado a se dedicar com amor incondicional, como um marido fiel a sua esposa”<sup>5</sup>.
9. Com um coração agradecido a Deus pelo dom do sacerdócio dado por Cristo à sua Igreja, queremos abordar o tema do

---

<sup>4</sup> Cf. PO, n. 1. No mesmo sentido, outro documento assim se expressa: “A desejada renovação de toda a Igreja depende em grande parte do ministério dos sacerdotes” (OT, n. 1).

<sup>5</sup> BENTO XVI, *Oração do Ángelus de 28 de junho de 2009*.

sacerdócio ministerial com consciência da incapacidade de corresponder plenamente a este dom. Por isso, fazemos nossas, as palavras que o “Cura D’Ars repetia frequentemente com lágrimas nos olhos: ‘Que medo de ser sacerdote!’(...) E acrescentava: ‘Como é infeliz um sacerdote sem vida interior’”<sup>6</sup>.

10. Os termos “sacerdote” e “presbítero”, nesse documento, são usados de acordo com o Magistério perene da Igreja. O “sacerdote” indica o ministério sacerdotal, o ser originado pelo sacramento da Ordem, “o outro Cristo” (*alter Christus*). O “presbítero” aponta para o exercício de um dos três graus do sacramento da Ordem, que é exercido pelo Bispo, Presbítero e Diácono, assim chamados desde a antiguidade<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Palavras repetidas pelo Papa Bento XVI na Audiência geral das quartas-feiras, no dia 24 de junho de 2009.

<sup>7</sup> Cf. LG, n. 28; PO, n. 2.

# CAPÍTULO I

## SACERDOTE DE CRISTO, BOM PASTOR

### A fundamentação bíblica

11. A Sagrada Escritura nos oferece uma sólida fundamentação bíblica para a compreensão do ministério presbiteral. O capítulo décimo do evangelho de João apresenta a figura do Bom Pastor, que desde o Antigo Testamento serve para configurar o sacerdote. O Bom Pastor é apresentado como aquele que conhece as suas ovelhas uma a uma, a ponto de chamá-las pelo próprio nome. Cuida de cada uma delas, conduzindo-as a lugares seguros. Vela por elas, não permitindo que o lobo as devore. Apesar da figura do pastor ser desprezada no judaísmo tardio, porque ele não podia obedecer às prescrições da lei veterotestamentária, Jesus emprega essa figura para descrever a sua atitude de solidariedade, compaixão e caridade pastoral para com o povo<sup>8</sup>.
12. O Magistério recente usa a figura do Bom Pastor para mostrar Jesus Cristo como modelo inspirador para os sacerdotes. Assim, o papa João Paulo II descreve com precisão as características do modelo do pastor, que é Jesus Cristo, a ser seguido pelos presbíteros: “Jesus é o Bom Pastor pré-anunciado (cf. Ez 34), aquele que conhece as suas ovelhas uma a uma, que dá a sua vida por elas e que a todos quer

---

<sup>8</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *O presbítero, pastor da comunidade*. Alocução da Audiência geral de quarta-feira de 19 de maio de 1993. L'Osservatore Romano (edição semanal em Português), XXIV (1993), p. 252.

reunir num só rebanho sob um único pastor (cf. Jo 10,11-16). É o pastor que veio ‘não para ser servido mas para servir’ (Mt 20,28), que, na ação pascal do lava-pés (Jo 13,1-20), deixa aos seus o modelo de serviço que deverão realizar uns aos outros, e que livremente se oferece como ‘cordeiro inocente’ imolado para a nossa redenção (cf. Jo 1,36; Ap 5,6.12)”<sup>9</sup>. A Instrução da Congregação do Clero, de 1999, usa a mesma figura bíblica para exortar os presbíteros a amar e a oferecer a vida pelo seu povo, ao intitular o capítulo quarto com a frase: “Os pastores amam o rebanho que lhes é confiado”, seguindo o texto bíblico como fonte de inspiração para todo o capítulo: “O bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas” (Jo 10,11)<sup>10</sup>.

13. Os Evangelhos contêm uma série de passagens que mostram o chamado do Mestre, seguido da resposta dada por aquele que foi chamado. É assim que se estabelece o processo de seguimento de Jesus. O chamado e a resposta, elementos constitutivos do seguimento, são palavras marcantes dos quatro evangelhos e caracterizam uma atitude perante o Mestre. Ao convite do Mestre, “Vem e segue-me”, há uma resposta. E assim se estabelece o processo vocacional, também para o sacerdócio.
14. Na Sagrada Escritura, a palavra sacerdote, em grego *hiereus*, indica o sacerdócio judaico (Lv 13,2; Mt 8,4), o sacerdócio pagão (At 14,13), o sacerdócio de Jesus Cristo (Hb 5,6; 7,17) e o dos cristãos (Ap 1,6; 5,10; 20,6). No Novo Testamento, tal palavra reveste-se de um novo significado: relaciona-se diretamente com o de Jesus Cristo, dan-

---

<sup>9</sup> PDV, n. 13.

<sup>10</sup> *Presbítero, mestre*, p. 51.

do a entender que o sacerdócio do Novo Testamento é completamente original, apesar de manter alguns traços típicos da instituição sacerdotal do Antigo Testamento.

15. O sacerdócio do Novo Testamento, instituído na Última Ceia, assumiu, desde o início, gestos próprios que o configuram. É o caso do rito da imposição das mãos, considerado desde a era apostólica como sinal de uma verdadeira ordenação, que imprime um caráter indelével, e gesto de transmissão do poder apostólico ou a ele relacionado. Assim, Timóteo (cf. 1Tm 4,14; 2Tm 1,6) e Tito (cf. Tt 1,5) receberam o dom por meio da imposição das mãos feita por Paulo.
16. Já no Concílio de Jerusalém existem presbíteros, ou anciãos (cf. At 21,18), ao lado dos apóstolos, formando um colégio (cf. At 15). Mais tarde, esse colégio, que existia em cada cidade, passou a ser formado pelo bispo e presbíteros (At 15,2.6.22; 16,4) ou bispo e diáconos (Fl 1,1). Eles supervisionavam as comunidades (cf. At 20,17; Tt 1,5).
17. Paulo nomeava presbíteros nas comunidades evangelizadas por ele (cf. At 14,23). O discurso de despedida de Paulo à Igreja de Éfeso foi dirigido aos presbíteros da Igreja (cf. At 20,17). As epístolas pastorais descrevem as funções dos presbíteros. Timóteo recebeu o dom da profecia através da imposição das mãos (1Tm 4,14). Eles instruíam e pregavam (cf. 1Tm 5,17), transmitiam a doutrina (1Tm 5,17-22; 1Tm 2,2) e dirigiam as comunidades (cf. 1Pd 5,1). Também ungiam os doentes (cf. Tg 5,14). Eles atuam no governo das comunidades e na pregação (1Tm 5,17). Paulo orienta Tito a constituir presbíteros em cada cidade (Tt 1,5), de acordo com as qualidades exigidas (cf. Tt 1,6-9; 2,1-15).

18. A carta aos Hebreus faz uma interpretação sacerdotal da obra redentora de Jesus Cristo e trata quase inteiramente de seu sacerdócio. O seu sacrifício redentor na cruz é lido em chave sacerdotal, pois ele é o sumo sacerdote, que entra de uma vez por todas no santuário e oferece o sacrifício redentor em prol da humanidade (cf. Hb 7,27; 9,12; 10,10). Como ele não era membro da tribo de Levi, não poderia ser sacerdote. Por isso, seu sacerdócio está relacionado com o de Melquisedec (cf. Sl 110,4; Hb 5,6.10; 6,20), que é superior ao de Aarão, porque Abraão reconheceu sua superioridade ao pagar-lhe o dízimo (Hb 7,1-7), e também porque Melquisedec, sem genealogia, torna-se tipo do Filho de Deus.
19. Desde o início da Igreja, os bispos formam um verdadeiro Colégio. Jesus, depois de rezar, constituiu os Doze para que permanecessem com ele e para enviá-los a pregar o Reino de Deus (Mc 3,13-19; Mt 10,1-42). Estes apóstolos (Lc 6,13), instituiu-os à maneira de Colégio e grupo estável, ao qual prepôs Pedro, escolhido dentre os mesmos (Jo 21,15-17)<sup>11</sup>. Esta forma de entender o ministério é marcante para hoje, enquanto demonstra que os bispos, em continuidade com o Colégio dos Apóstolos, formam um verdadeiro Colégio e grupo estável, que vive em comunhão hierárquica em torno do sucessor do apóstolo Pedro, hoje o Papa Bento XVI<sup>12</sup>.
20. Enfim, o chamado de Cristo: “vem e segue-me” (cf. Mc 1,17; 2,14), como “expressão mais forte da vocação e da missão do sacerdote”, encontra “sua proclamação plena

---

<sup>11</sup> Cf. LG III, n. 19.

<sup>12</sup> Cf. Nota Prévia à LG, n. 1.

e definitiva”<sup>13</sup> no momento da celebração do sacramento da Ordem, quando, por meio da imposição das mãos e da oração do Bispo, aquele que foi chamado pode dar sua resposta definitiva a Cristo. A partir desse momento, o presbítero irá amadurecendo o seu seguimento de Jesus Cristo (*sequela Christi*) ao longo dos anos de sua vida sacerdotal, que exprimirão e reafirmarão a sua resposta dada no dia de sua ordenação. Este é o espírito da Conferência de Aparecida, quando se refere aos presbíteros como “discípulos missionários de Jesus Bom Pastor”<sup>14</sup>.

## Quem é o presbítero

21. A questão da identidade do presbítero vinha sendo discutida desde a época que seguiu o término do Vaticano II. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo Vobis* (1992) ofereceu uma decisiva contribuição ao debate ao afirmar que a identidade do presbítero assume uma dimensão trinitária. Essa posição foi assumida pelo *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* (1994). Assim, ambos os documentos situam a identidade do presbítero na dimensão trinitária, que é capaz de unir a fundamentação cristológica com a fundamentação eclesiológica.
22. Desse modo, a dimensão cristológica-pneumatológica toca a essência do ministério presbiteral, enquanto a dimensão eclesiológica ajuda a compreender o significado de sua função específica<sup>15</sup>. Assim, “a identidade do sacerdote deve ser meditada no âmbito da vontade divina de

<sup>13</sup> Cf. Referências a PDV, n. 70.

<sup>14</sup> DAp, título 5.3.2, do capítulo V.

<sup>15</sup> Cf. Premissa à Instrução *O presbítero, pastor e guia*.

salvação, porque é fruto da ação sacramental do Espírito Santo, participação da ação salvífica de Cristo e orientada plenamente ao serviço de tal ação na Igreja, no seu contínuo desenvolvimento ao longo da história. Trata-se de uma identidade tridimensional, pneumatológica, cristológica e eclesiológica”<sup>16</sup>. E o Diretório sublinha: “A identidade, o ministério e a existência do presbítero estão, portanto, essencialmente relacionados com as três Pessoas Divinas, em ordem ao serviço sacerdotal à Igreja”<sup>17</sup>. Ou seja, “a Santíssima Trindade é a fonte da identidade sacerdotal”<sup>18</sup>; isso faz com que a identidade do presbítero seja essencialmente “relacional”<sup>19</sup>.

23. Essa dimensão “relacional” diz muito para a vida e o ministério do presbítero. O relacional pode ser compreendido a partir da configuração com Cristo Sacerdote, fruto da recepção do sacramento da Ordem, que estabelece uma nova relação com Jesus Cristo, de tal forma que o presbítero só será entendido em sua relação com Cristo, como “uma derivação, uma participação específica e uma continuação do próprio Cristo, sumo e único Sacerdote da nova e eterna Aliança: ele é a imagem viva e transparente de Cristo Sacerdote”<sup>20</sup>.
24. Outra dimensão do “relacional” é a que se cria com a própria comunidade. O presbítero é o representante de Cristo perante a comunidade, de tal forma que se pode acrescentar ao “na pessoa de Cristo” (*in persona Christi*)

---

<sup>16</sup> *Id.*, n. 5.

<sup>17</sup> DMVP, n. 3.

<sup>18</sup> PDV, n. 12.

<sup>19</sup> *Ib.*

<sup>20</sup> PDV, n. 12; DMVP, n. 3.

o “na pessoa da Igreja” (*in persona Ecclesiae*) sem, contudo, esquecer a centralidade de Jesus Cristo no ministério presbiteral. Ele age “na pessoa de Cristo cabeça” (*in personna Christi Capitis*), e, na Igreja, por isso, “na pessoa de Cristo e na pessoa da Igreja” (*in personna Christi et Ecclesiae*), ou seja, “em nome de Cristo e em nome da Igreja” (*in nomine Christi et in nomine Ecclesiae*). Deste momento em diante, o sacerdote é sinal de Cristo para a comunidade, a sua presença sacramental, pois através dele a comunidade tem acesso à salvação de Cristo, enquanto missão da Igreja, porque ela é “sacramento de salvação”<sup>21</sup>. E, por isso, como afirmava João Paulo II, “não se pode, então, definir a natureza e a missão do sacerdócio ministerial, senão nesta múltipla e rica trama de relações, que brotam da Trindade Santíssima e se prolongam na comunhão da Igreja como sinal e instrumento, em Cristo, da união com Deus e da unidade de todo gênero humano”<sup>22</sup>.

25. É por essa razão que ele é chamado a ser especialista em relacionamento. A dimensão relacional, intrínseca ao sacramento recebido, cria relações próprias com Deus, com o bispo, com os demais presbíteros, na agregação ao presbitério, e com a comunidade a que serve, em uma verdadeira fraternidade. Todo esse feixe de relações procede da graça do Sacramento da Ordem<sup>23</sup>.
26. O sacerdócio ministerial se distingue em “essência e não apenas em grau” do sacerdócio comum do Povo de Deus, devido ao sacramento da Ordem<sup>24</sup>. Esta diferença

---

<sup>21</sup> Cf. LG, n. 1.

<sup>22</sup> PDV, n. 12.

<sup>23</sup> Cf. LG, n. 28; PO, n. 2; PDV, n. 17; DMVP, n. 25.

<sup>24</sup> Cf. LG, n. 10.

não separa ou cria divisão no seio do Povo de Deus, mas, além de distinguir tarefas, unifica e harmoniza a vida da Igreja, pois ela é comunhão orgânica entre todos os seus membros, onde cada um vive de acordo com a sua vocação<sup>25</sup>.

27. São Clemente Romano afirma o princípio da sucessão apostólica: o Pai enviou o Cristo, Cristo enviou os apóstolos que constituíram presbíteros nas comunidades<sup>26</sup>. São Cipriano vê a unidade da Igreja em torno da única ordem episcopal, que tem sua origem em Cristo<sup>27</sup>. Segundo Santo Inácio de Antioquia, o sacramento da Ordem tem os três graus, sendo os presbíteros colaboradores dos Bispos<sup>28</sup>. São João Crisóstomo tem um grande apreço pelo sacerdócio ministerial, ao reconhecer que ele, embora exercido na terra, “possui o caráter de instituição celeste”. Ele ressalta que, por meio do sacerdócio, Deus manifesta o seu amor para com a humanidade, e o próprio sacerdote necessita de muito amor para assumir a sua responsabilidade para com o rebanho<sup>29</sup>.

## A missão do presbítero

28. Como o “ser e o agir do sacerdote, a sua pessoa consagrada e o seu ministério, são realidades teológicas inseparáveis”<sup>30</sup> e têm por finalidade o serviço da missão

---

25 Cf. DMVP, n. 18.

26 Cf. CLEMENTE ROMANO, *Carta aos Coríntios* 44.

27 Cf. CIPRIANO, *De Catholicae Ecclesiae Unitate* 5,2.

28 Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Magnésios* 6,1 (*Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 52).

29 JOÃO CRISÓSTOMO, *O sacerdócio* (Petrópolis: Vozes, 1979), III, 4.

30 Cf. *Presbítero, pastor e guia*, n. 5.

da Igreja, a evangelização. A abordagem de sua missão deverá estar intimamente relacionada com a sua consagração, pois a configuração a Cristo, por meio da consagração sacramental torna-o partícipe do tríplice múnus de Cristo de uma maneira toda própria e em conformidade com a estrutura orgânica da comunidade eclesial. Ao agir *in persona Christi Capitis*, o presbítero apascenta o povo de Deus e o conduz rumo à santidade<sup>31</sup>. Assim, a tradição teológica tem explicitado a missão do presbítero em três dimensões: a palavra (profética), os sacramentos (sacerdotal) e a coordenação da comunidade (real). O Vaticano II, na *Presbyterorum Ordinis*, apresenta estes três múnus da missão sacerdotal em uma verdadeira unidade, na qual nenhum predomina sobre o outro, mas tem a mesma origem, ou seja, a consagração.

29. Por meio do múnus profético<sup>32</sup>, o sacerdote anuncia a Palavra de Deus como tarefa inerente ao ministério recebido, pois assim congrega o Povo de Deus. A comunidade eclesial tem direito a esse anúncio, porque a Palavra há de ser procurada com pleno direito nos lábios dos sacerdotes. É através do anúncio da Palavra que a fé é despertada, pois ela nasce da pregação (cf. Rm 10,17), e o Povo de Deus aumenta, de acordo com o mandato missionário de Cristo (cf. Mc 16,15). A Palavra a ser proclamada deverá, antes, ser interiorizada, por meio da escuta e da meditação, para que o sacerdote possa partilhar a verdade do Evangelho com todos. Assim, ele ensinará não a sua sabedoria, mas a do Verbo de Deus, e convidará a todos à conversão e à santidade. Como há muitas formas de

<sup>31</sup> Cf. *Presbítero, mestre*, p. 36.

<sup>32</sup> O parágrafo está baseado em PO, n. 4.

exercer este ministério, sempre é necessário aplicar a verdade do Evangelho às circunstâncias concretas da vida, para evitar um anúncio meramente genérico ou abstrato. A palavra profética, no seguimento de Jesus Cristo, é também denúncia (cf. Mt 10,28).

30. Através do *múnus* sacerdotal<sup>33</sup>, o presbítero, como ministro de Cristo e participante de seu sacerdócio, celebrará os sacramentos e, de modo particular, a Eucaristia, tornando-se, dessa forma, colaborador da obra de santificação, porquanto os sacramentos fazem acontecer a salvação de Deus no hoje da história. Todos os sacramentos têm uma relação direta com a Eucaristia, pois ela contém todo o bem espiritual da Igreja. É fonte e ápice de toda a evangelização. Por isso, a Eucaristia, presidida pelo sacerdote, é o centro da comunidade cristã. Assim, o presbítero e a comunidade, que vivem da Eucaristia, se tornam sinais vivos da salvação de Cristo presente e atuante em sua Igreja<sup>34</sup>. Tal fato nos leva a entender que a Eucaristia realiza a Igreja como sacramento universal de salvação.
31. O *múnus* do governo do Povo de Deus<sup>35</sup> tem sua raiz em Cristo cabeça e pastor. Por meio dele, os presbíteros reúnem, em nome do bispo, a família de Deus, como fraternidade animada por um só objetivo, e levam-na, por Cristo, no Espírito, a Deus Pai. O presbítero, por essa razão, edifica a comunidade eclesial que está ao seu encargo, tornando-a uma verdadeira “comunhão de fiéis” (*communio fidelium*). Para tal, os presbíteros exercerão seu ministério com humildade, agindo não segundo o agrado dos homens,

---

<sup>33</sup> O parágrafo está baseado em PO, n. 5.

<sup>34</sup> Cf. SC, n. 9.

<sup>35</sup> O parágrafo está baseado em PO, n. 6.

mas segundo as exigências da doutrina e vida cristã, ensinando e admoestando seus fiéis, como a filhos queridos. Como educadores da fé de seus fiéis, eles ajudarão as pessoas a descobrir a vontade de Deus nos acontecimentos, a despertar para a participação da vida em comunidade com um coração aberto e, enfim, zelarão por todas as pessoas, de modo especial os mais esquecidos e humildes, os pobres e os que vivem em situação de exclusão, contribuindo, assim, para a maturidade da fé dos fiéis.

### **A vida do presbítero**

32. A consideração sobre a vida do presbítero deve levar em conta, em primeiro lugar, a sua dimensão humana. O presbítero é um homem que foi chamado por Deus para o ministério sacerdotal e, por sua resposta, se oferece generosamente como ministro da salvação de Deus para a comunidade cristã. Contudo, ele está sujeito a todas as virtudes e fraquezas inerentes a cada ser humano, apesar de ter consciência do significado de sua vocação e da tarefa prioritária de buscar a santificação. Ele é chamado a ser, para a comunidade, o que o tornou a vocação e a ordenação. Não raramente se constata a ausência desta consciência nas pessoas, que imaginam o sacerdote como homem já perfeito e santo, o que dificulta compreendê-lo.
33. Como a vocação sacerdotal se realiza em uma pessoa humana concreta, para o bem da comunidade cristã e do próprio sacerdote, é preciso que ele tenha equilíbrio afetivo, sexual e psicológico e alcance uma maturidade humana e espiritual capaz de superar as instabilidades, revezes, crises e tentações inerentes ao seu estado

de vida e ministério. Terá, assim, condições positivas de perseverar ao longo de sua existência<sup>36</sup>, vivendo de modo coerente com a opção de vida assumida no dia de sua ordenação sacerdotal. Contudo, tal maturidade é fruto da graça de Deus e é uma tarefa para a vida toda, a ser retomada, cada dia, pela *sequela Christi* e aprofundada pela oração, ascese e pelo amor fraterno cultivado com generosa gratuidade.

34. Elemento fundamental para a vida do presbítero é a unidade entre o ser e o agir, entre o ministério e a missão. É real o perigo da dispersão, fruto da diversidade das tarefas exigidas do presbítero, da rapidez da vida atual, do estilo de vida gerador de estresse e da fragmentação do mundo atual, fatores que afetam também a vida dos sacerdotes. Essa situação exige uma postura de vida que encontra a sua unidade a partir do próprio ministério, vivido na entrega a Deus e à comunidade, por meio da caridade pastoral<sup>37</sup>.
35. Essa necessária unidade de vida favorece e exige, ao mesmo tempo, o cultivo de uma espiritualidade profunda, que encontra a sua fonte no próprio ministério presbiteral, como já apontava o Vaticano II: “Os presbíteros alcançam a santidade de maneira autêntica, se desempenharem suas tarefas de modo sincero e incansável no Espírito de Cristo”<sup>38</sup>. Por isso, a espiritualidade do presbítero acontece a partir da configuração ao ser e ao agir de Cristo Bom Pastor. A dinâmica da sua vida espiritual vai além do cultivo intenso da vocação, para a santidade inerente ao

---

<sup>36</sup> Cf. OT, n. 11; PDV, n. 43; 44.

<sup>37</sup> Cf. PO, n. 14.

<sup>38</sup> PO, n. 12.

sacramento do Batismo. Enquanto presbíteros, por causa da condição nova e original derivada do sacramento da Ordem, o caminho espiritual tem características próprias e específicas. Por isso, “os sacerdotes são especialmente obrigados a buscar esta perfeição, visto que, consagrados de modo particular a Deus pela recepção do sacramento da Ordem, se tornam instrumentos vivos do sacerdócio eterno de Cristo, a fim de prosseguirem no tempo a sua obra admirável que restaurou com divina eficácia a humanidade inteira”<sup>39</sup>. A especificidade da espiritualidade do presbítero diz respeito à sua consagração, missão e o agir em nome e na pessoa do próprio Cristo<sup>40</sup>.

36. O sacerdócio ministerial tem seu maior fundamento no dom total de si feito por Jesus Cristo no sacrifício da cruz e acolhido pelo Pai na ressurreição. A espiritualidade sacerdotal se funda na participação existencial no mistério pascal de Cristo, sob a ação do Espírito Santo. Com efeito, o cultivo da vida espiritual será fonte de unidade da vida do presbítero, resultando em um apostolado cada vez mais fecundo: “O dinamismo ministerial, sem uma sólida espiritualidade sacerdotal traduzir-se-ia num ativismo vazio e desprovido de profetismo. É evidente que a ruptura da unidade interior no sacerdote é consequência, antes de tudo, do esfriamento de sua caridade pastoral, ou seja, do amor vigilante do mistério que traz em si para o bem da Igreja e da humanidade”<sup>41</sup>.
37. Por isso, o Papa Bento XVI traça como objetivo do Ano Sacerdotal a santificação dos sacerdotes, pois a

---

<sup>39</sup> PDV, n. 19; 20.

<sup>40</sup> Cf. *ib.* 20.

<sup>41</sup> *Presbítero, pastor e guia*, n. 11; Cf. PDV, n. 72.

espiritualidade do presbítero será o fundamento para o dinamismo ministerial. Para isto acontecer, é necessário descobrir as riquezas e vivenciar em profundidade as várias expressões da espiritualidade, como a oração pessoal, a Eucaristia cotidiana, a Liturgia das Horas, a leitura orante da Palavra de Deus, o acesso frequente ao sacramento da reconciliação, além da necessária disciplina, a ascese, a direção espiritual, e uma generosa vida de comunhão, também com os outros presbíteros, tal como ensinam os documentos do Magistério.

38. A Eucaristia está no centro da vida do presbítero, pois o seu ministério encontra nela seu fundamento e seu paradigma existencial. A celebração cotidiana da Missa é a especial fonte para a sua santificação enquanto discípulo de Cristo. A Eucaristia não se reduzirá, pois, a uma atividade feita para os outros, como uma atividade meramente profissional, mas será fruto de sua amorosa identificação pessoal com Jesus Cristo Sacerdote. Portanto, o presbítero presidirá a celebração da Eucaristia, consciente de que aí está a fonte da vida cristã e a raiz do seu ministério. Ele celebra a Eucaristia para tornar-se eucaristia<sup>42</sup>. Dela decorre, também, o colóquio cotidiano com Cristo Senhor e o culto pessoal à Santíssima Eucaristia<sup>43</sup>.
39. Outro aspecto da vida do presbítero é o celibato. Apesar do debate em torno dessa questão, o celibato é uma exigência da Igreja para seus sacerdotes, confirmada pelo Vaticano II, como “sinal e estímulo da caridade pastoral e fonte peculiar da fecundidade espiritual no mundo”<sup>44</sup>. Foi reiterada

---

<sup>42</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia* 22-23 e 31; cf. BENTO XVI, *Sacramentum caritatis* 80.

<sup>43</sup> Cf. PO, n. 18.

<sup>44</sup> PO, n. 16.

no Sínodo dos Bispos de 1971 como lei para a Igreja Latina, pois o entende “plenamente de acordo com a vocação para o seguimento apostólico de Cristo e com a resposta incondicionada do que é chamado e assume o serviço pastoral”<sup>45</sup>. O celibato é um dom de Deus, a ser assumido livremente pelo sacerdote como expressão do dom de si mesmo a Deus e ao povo que serve, pois ele “se ajusta de mil modos ao sacerdócio”<sup>46</sup>. Apesar de ser uma lei eclesial, o percurso histórico de sua promulgação definitiva pelos I e II Concílios de Latrão, em 1123 e 1139<sup>47</sup>, respectivamente, mostra-a como resultado da crescente consciência da caridade pastoral e da relação estreita entre sacerdócio e celibato. O papa João Paulo II não se cansava em repetir esta ideia<sup>48</sup>. O documento de Aparecida traduz bem esta compreensão: “O presbítero é convidado a valorizar como dom de Deus o celibato, que lhe possibilita especial configuração com o estilo de vida do próprio Cristo e o faz sinal de sua caridade pastoral na entrega a Deus e aos homens com o coração pleno e indivisível”<sup>49</sup>.

40. O sacerdote secular está incardinado em uma Igreja Particular, o que constitui em um autêntico vínculo jurídico, também com valor espiritual, porque dela provém a relação com o Bispo e com o presbitério, com a correspondente partilha da solicitude pastoral<sup>50</sup>. Assim, é necessário que o sacerdote tenha consciência de que o estar em uma

---

<sup>45</sup> *Sínodo de 1971*, 72 e 86.

<sup>46</sup> PO, n. 16.

<sup>47</sup> Cf. *Concilliorum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: Dehoniane, 1971, p. 191 (Latrão I, cânon 7) e p. 198 (Latrão II, cânon 7).

<sup>48</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos sacerdotes por ocasião da quinta-feira de 1984* (n.4), 1995 (n. 5), 1996 (n. 5), 1998 (n. 7).

<sup>49</sup> DAp, n. 196.

<sup>50</sup> Cf. DMVP, n. 26.

Igreja Particular “constitui, por natureza, um elemento qualificante para viver a espiritualidade cristã. Nesse sentido, o presbítero encontra, precisamente na sua pertença e dedicação à Igreja Particular, uma fonte de significados, de critérios de discernimento e de ação, que configuram tanto a sua missão pastoral, como a sua vida espiritual”<sup>51</sup>. O mesmo vale para os sacerdotes membros de um Instituto Religioso ou de Vida Consagrada, que residem em alguma Diocese ou aí exercem uma missão<sup>52</sup>. O sacerdote foi ordenado não em seu próprio nome ou para agir de forma isolada ou em nome de um pequeno grupo de pessoas, mas em nome da Igreja e para uma Igreja Particular, e, por meio dela, em comunhão com a Igreja Universal. Com efeito, a pertença a uma diocese ou a um Instituto de Vida Consagrada clerical é uma característica do presbítero, que tem por consequência a inserção no presbitério<sup>53</sup>.

41. O Vaticano II, assim como os documentos das Conferências do Episcopado Latino Americano e Caribenho, insiste em um determinado estilo de vida a ser vivido pelo presbítero. Este deve estar de acordo com a sua vocação e missão<sup>54</sup>. Por isso, o presbítero não pode separar a sua vida privada de sua vida pública, pois toda ela está centrada e é configurada pelo Bom Pastor, do qual ele é o primeiro seguidor. Tal fato leva-o a ter uma vida exemplar, um estilo de vida simples e humilde. Abraça a pobreza voluntariamente e assume integralmente a moral cristã com alegria e liberdade de espírito.

---

<sup>51</sup> *Presbítero pastor e guia* 17; cf. PDV, n. 31.

<sup>52</sup> Cf. *Código de Direito Canônico* 678, § 1-3; DMVP, n. 26.

<sup>53</sup> Cf. LG, n. 28; *Código de Direito Canônico* 498, § 2; 588, § 2.

<sup>54</sup> Cf. PO, n. 17; DMd, n. 13,13; DP, n. 116; 693, DSD, n. 84; DAp, n. 199.

## Destaques

42. Após expor as dimensões teológicas da vocação sacerdotal e alguns aspectos da vida dos presbíteros, faz-se necessário destacar alguns elementos práticos, diante das dificuldades que enfrentam diariamente como fiéis servidores do Cristo Mestre, o Bom Pastor.
43. É preciso considerar a relação estreita entre a Palavra de Deus, a Doutrina e a Moral, pois a doutrina e a moral da Igreja decorrem da Palavra de Deus. E o sacerdote será fiel testemunha e anunciador da Revelação, da qual a Igreja é a depositária e fiel guardiã. Como servidores da Palavra, não seus senhores, eles não escolhem, abreviam ou acrescentam algo à Palavra a ser anunciada. Evitam dessa forma, os “dogmatismos” e os “moralismos”, tão prejudiciais ao anúncio coerente e fiel da Palavra de Deus<sup>55</sup>.
44. Os presbíteros, como homens de comunhão, são servidores das comunidades, das paróquias e das pessoas. Com humilde coerência buscarão superar as tentações do “autoritarismo” e do “democratismo”, exercendo seu ministério em espírito de serviço, como “serviço de amor” (*amoris officium*), e dedicação desinteressada pelo rebanho do Senhor (cf. Jo 13,14; 10,11)<sup>56</sup>, e por todos aqueles que ainda não descobriram o profundo sentido de pertencer à comunidade cristã ou aqueles que dela se afastaram.
45. O sacerdote se torna um homem da esperança, de forma particular no mundo globalizado. Diante de tantos sinais de morte e desrespeito à vida humana, ele será portador

---

<sup>55</sup> Cf. DV, n. 5-10.

<sup>56</sup> Cf. DMVP, n. 16; 17.

de uma mensagem de alegria e esperança, assim como de um testemunho vivo de solidariedade.

46. De grande valor é a dimensão mistagógica da vida do presbítero. Com sua própria existência ele é chamado a ser um verdadeiro “mistagogo”. Introduz as pessoas no mistério de Deus, particularmente no sentido do mistério de Cristo revelado, celebrado e vivido. Sinaliza a presença de Deus em meio à sociedade e colabora com a ação do Espírito Santo que renova a face da terra. Ainda como mistagogo suscita a descoberta da presença de Deus na vida das pessoas e o desejo de acolhê-lo e escutá-lo. Para que tal experiência aconteça, o presbítero realiza o primeiro anúncio de Jesus Cristo e introduz os que o acolhem no caminho do amor e da salvação por ele oferecidos.
47. Identificado com Cristo e adulto na fé, o presbítero tem uma autoridade objetiva, que nasce do sacramento da Ordem e que deve se manifestar por meio de uma vida que testemunha a verdade do sacramento. Mesmo que a eficácia sacramental não dependa dos méritos do ministro, é muito importante o testemunho da sintonia de sua vida cotidiana com a grandeza do ministério. A vivência da identificação com Cristo lhe dará uma autoridade reconhecida pelas pessoas que têm contato com ele<sup>57</sup>.
48. Para que esta autoridade seja vivida com sabedoria e segurança, o sacerdote necessitará cultivar sua espiritualidade cotidianamente, o que aumentará sua clareza e força interior, ao mesmo tempo em que o capacitará a superar as crises pessoais e dificuldades inerentes ao seu ministério. Essa dinâmica de progressiva sabedoria e competência

---

<sup>57</sup> Cf. *Presbítero, mestre*, p. 14.

supõem uma profunda vida de oração e de participação nos sacramentos, incluindo a meditação pessoal dos mistérios da fé e a participação no retiro espiritual anual. Também as experiências comunitárias de vida sacerdotal e equipes de vida contribuirão positivamente para esse necessário e desejado crescimento espiritual.

49. Tudo isso comporta a exigência da formação permanente, na qual também a atualização teológica será constante. Realizada com critério e justa proporção, será uma significativa fonte de motivação para a missão, em vista de um ministério bem fundado, integral, “com claro conteúdo teológico, espiritual, litúrgico e moral, atento às necessidades concretas das pessoas que deve atingir”<sup>58</sup>.
50. A caminhada da *Comissão Nacional dos Presbíteros*, em nosso país, particularmente nos Encontros Nacionais, é sinal de busca crescente de atualização e de renovação pessoal e pastoral do presbítero. O mesmo vale para a *Pastoral Presbiteral*, já implantada em grande parte das Dioceses do Brasil, que se torna meio de fomentar a fraternidade presbiteral e a ajuda mútua entre os presbíteros.
51. Na Carta aos sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal, o Papa Bento XVI apresenta alguns aspectos da vida de São João Maria Vianney que servem de exemplo prático para a ação pastoral dos sacerdotes, destacando os seguintes:
  - a) o método pastoral de chamar seus paroquianos à conversão;
  - b) a total identificação com o próprio ministério;

---

<sup>58</sup> Cf. *Presbítero, mestre*, p. 26.

- c) saber pedir a colaboração dos leigos;
- d) ensinar, sobretudo, com o testemunho evangélico da própria vida;
- e) conduzir-se do altar ao confessionário, em sintonia com o sacrifício da cruz;
- f) anunciar a misericórdia de Deus e, a partir disso, transformar o coração de muitas pessoas.

Dessa forma, ele gestou um novo estilo de vida ministerial, ao qual aderiu sem reservas<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Cf. BENTO XVI, *Carta aos sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal*.

# CAPÍTULO II

## ANUNCIADOR DA PALAVRA DE DEUS

52. Após a exposição da identidade presbiteral, o presente subsídio deseja abordar a sua missão de anunciador da Palavra de Deus, dada a importância desta tarefa em seu ministério pastoral, realçada recentemente pelo Sínodo da Palavra e pelo projeto da Missão Continental. Por isso, se quer enfatizar o presbítero como anunciador da Palavra de Deus, levando em conta que a evangelização é a vocação própria da Igreja<sup>60</sup>.
53. Como “os pastores desempenham um papel evangelizador absolutamente insubstituível”<sup>61</sup>, faz-se necessário destacar este papel, sem desprezar as demais tarefas assumidas pelo presbítero no dia de sua ordenação. As conclusões da Conferência de Aparecida reforçam tal missão ao entender o presbítero também como “discípulo missionário”. O Povo de Deus tem necessidade de presbíteros discípulos, “movidados pela caridade pastoral”<sup>62</sup>, de tal forma que os motive e os faça cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, com a finalidade de pregar a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu bispo, com os outros presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas, leigos e leigas.

---

<sup>60</sup> Cf. EN, n. 14.

<sup>61</sup> *Presbítero, mestre*, p. 13.

<sup>62</sup> Cf. DAp, n. 199.

54. Todos os presbíteros precisam estar conscientes da importância de sua missão evangelizadora. O anúncio da Palavra de Deus é fundamental na tarefa pastoral nos dias de hoje, assim como sempre o foi desde o início da missão de Jesus Cristo e da Igreja. O tema da missão está presente nos quatro Evangelhos e nos demais escritos do Novo Testamento. A Igreja foi se dilatando por meio da atividade missionária, fiel ao mandato missionário recebido de Jesus (cf. Mt 28,18-20). Jesus Cristo foi enviado pelo Pai e a sua missão, cujo centro é a obra da salvação, continua viva e atuante na Igreja e, por meio dela, perdura através dos tempos.

### **O anúncio da Palavra de Deus no mundo de hoje**

55. O mundo atual apresenta inúmeras características novas, que desafiam o sacerdote em sua missão de anunciar a Palavra de Deus. A mudança pela qual passa o mundo é mais profunda do que pode parecer, pois está atingindo o âmago da atual civilização e não apenas aspectos superficiais. Particularmente, a novidade dessa mudança na sociedade latino-americana é caracterizada pelo Documento de Aparecida como “mudança de época”, isto é, mudança de civilização, cujo “nível mais profundo é o cultural”, em que se “dissolve a concepção integral do ser humano”<sup>63</sup> e sua relação com Deus e com o mundo. Com efeito, está acontecendo a passagem de uma época para outra, ou seja, está em curso a gestação de uma nova civilização, com características novas que comportam aspectos positivos e também outros que são desafiadores para a evangelização.

---

<sup>63</sup> Cf. DAp, n. 44.

56. Entre as características desafiadoras dessa mudança de época, com consequências culturais, encontra-se o imediatismo. A sociedade atual perdeu a capacidade para esperar o desenrolar natural da vida e dos acontecimentos. As pessoas querem tudo imediatamente. O âmbito religioso se vê influenciado por essa nova mentalidade, o que faz surgir, em certos ambientes, propostas religiosas baseadas em soluções imediatas, mesmo que ilusórias, sendo recebidas avidamente pelas pessoas.
57. Outras consequências advêm do processo de globalização, que afeta o mundo todo, no qual acontece o domínio da ciência e da tecnologia, centralizado no econômico<sup>64</sup>. Isso influencia negativamente a hierarquia de valores das pessoas e cria aspirações nem sempre necessárias, incentivando o subjetivismo e o consumismo. Nesse contexto, devemos constatar a existência dos pobres e fracos, aos quais o presbítero é chamado a servir de forma especial<sup>65</sup>. Além disso, vivemos em um mundo onde há abundância de informações, cada vez mais ao alcance de todos. Contudo, a avalanche de informações, acessíveis, sobretudo, pela internet, nem sempre é confiável. Pode, inclusive, prejudicar a capacidade de reflexão e o espírito crítico das pessoas. A informação cresceu de forma assustadoramente rápida, transformando a cultura atual. O mesmo não se verifica com a formação, que, em muitos campos, deixa a desejar.
58. Apesar de haver um desejo de Deus na sociedade contemporânea, mesmo que difuso, percebe-se uma ten-

---

<sup>64</sup> Cf. DAp, n. 34-35.

<sup>65</sup> Cf. PDV, n. 18; DAp, n. 198.

dência à obstrução dos valores espirituais e religiosos, o que causa dificuldade para a evangelização. Acresce-se a esta situação o racionalismo, a defesa exasperada do subjetivismo, com o relativo ceticismo e um ateísmo prático e existencial, além da desagregação da família e do obscurecimento do verdadeiro sentido da sexualidade humana, o que ainda cria mais obstáculos para a pregação do Evangelho. Tudo isso comporta, do ponto de vista religioso, a subjetivação da fé e pertença à Igreja cada vez mais parcial e condicionada<sup>66</sup>.

59. Os jovens experimentam com muita intensidade tal realidade, porque ela se reflete, de forma direta e incisiva em seu processo educativo. O fascínio da sociedade de consumo, a visão da sexualidade humana não mais como serviço à comunhão e à doação entre as pessoas, mas como simples prazer pessoal, e a experiência distorcida de liberdade são obstáculos reais para os jovens de hoje, dificultando, inclusive, o surgimento de novas vocações para o sacerdócio<sup>67</sup>. Por isso, a Igreja, recentemente, tem se voltado com maior atenção à evangelização da juventude.
60. Ao lado da fidelidade de muitos sacerdotes à sua vocação e ao ministério, acompanhado do testemunho pessoal positivo, há a dificuldade, por parte de alguns, de tornar o anúncio da Palavra de Deus capaz de suscitar a fé, a adesão a Jesus Cristo e à sua Igreja. O anúncio soa vazio e abstrato. Não conseguem apresentar a mensagem

---

<sup>66</sup> Cf. PDV, n. 7.

<sup>67</sup> Cf. DMVP, n. 8.

de modo performativo<sup>68</sup>, que ilumina e ao mesmo tempo suscita resposta. É necessário que o Evangelho de Jesus Cristo seja proclamado de forma a ser ouvido e assimilado pelas pessoas. Uma forte razão é que muitos não estão suficientemente formados para uma pastoral evangelizadora. Constata-se, ainda mais, a permanência da superficialidade da opção por Cristo por parte de alguns presbíteros, o que os torna acomodados e descomprometidos com a formação e o crescimento da comunidade e os leva a buscar mais seu bem pessoal. Isso tudo fragiliza a credibilidade de seu anúncio e a eficácia de seu ministério pastoral, propiciando um déficit de anúncio e aceitação da Palavra de Deus. Por isso, os sacerdotes estão diante de um momento crítico de seu ministério pastoral, devido às dificuldades estruturais e pessoais para a efetivação do anúncio da Palavra de Deus.

61. Para os presbíteros é vital conservar a convicção da fé frente ao relativismo e ceticismo contemporâneos. A fé em Cristo, não é simplesmente uma opção em meio a tantas outras possíveis opções e crenças que hoje existem. A fé cristã brota de um encontro, de uma experiência pessoal com o Senhor, e se funda na convicção da encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, como é testemunhado pela tradição bíblica e eclesial. O anúncio da Palavra de Deus será tanto mais convincente quanto mais sólida e profunda for essa convicção e certeza da presença e ação constantes de Cristo em sua Igreja.

---

<sup>68</sup> Para a compreensão do termo performativo, convém recordar o *Instrumentum Laboris* da XII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja, n. 39, que cita o uso do termo pelo papa Bento XVI: "A Encíclica *Spe salvi* afirma que a mensagem cristã não era (e não é) somente "informativa", mas "performativa". Quer dizer que o Evangelho não é apenas uma comunicação de coisas que se podem conhecer, mas é uma comunicação que produz fatos e muda a vida".

## A fundamentação bíblica

62. Jesus, ao iniciar o seu ministério na Galil, em sua pregação, proclamava o Evangelho do Reino de Deus e conclamava à conversão, como mostra o evangelista Marcos: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Em função deste mesmo anúncio, Jesus constituiu os Doze e enviou-os a pregar (cf. Mc 3,13-14; cf. Mt 10,1-42). Ao enviar os setenta e dois discípulos, ele indicava a universalidade da missão e apontava o Reino de Deus como o conteúdo da pregação, “dizei: ‘O Reino de Deus está próximo de vós’ ” (Lc 10,9). Assim, se estabelece a missão, que é fundamental para a edificação e expansão da Igreja.
63. A atividade missionária teve sua origem na missão do Filho e do Espírito, enviados pelo Pai, ao mundo. Jesus, tal como foi enviado, envia seus discípulos: “como o Pai me enviou também eu vos envio” (Jo 20, 21); e, também afirma: “Ide, portanto, e fazei que todos os povos se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,19-20; cf. Mc 16,14-19; Lc 24,36-49; Jo 20,19-29; At 1,6-11).
64. O apóstolo Paulo também frisa, repetidas vezes, a necessidade da pregação da Palavra de Deus. O apóstolo é mensageiro; é portanto aquele que anuncia a Palavra de Deus, não a sua própria palavra. Daí a importância da pregação, pois ela é responsável pelo despertar da fé. Como diz o Apóstolo dos gentios: “a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo” (Rm 10,17). Esse

anúncio fez surgir igrejas em todas as partes do mundo, desde o início da pregação até os dias de hoje.

## **O presbítero, anunciador da Palavra de Deus**

65. Como anunciar a Palavra de Deus no mundo de hoje? Tal pergunta é ouvida frequentemente, sobretudo em momentos críticos da atividade pastoral no mundo. Por essa razão, urge recuperar a prioridade do anúncio da Palavra de Deus, sem esquecer que o cristianismo não é a religião do livro, mas de uma Pessoa, Jesus Cristo. Desse encontro, brota uma relação de discipulado, expressa pela palavra seguimento; ou seja, alguém que por amor, escuta, acolhe, segue, vivencia e anuncia a Jesus Cristo. Por isso, como expressa o Documento de Aparecida, “conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher”<sup>69</sup>.

### **O anúncio da Palavra de Deus**

66. A evangelização é um termo muito rico e resume toda a missão da Igreja, que tem por destinatários toda a humanidade. Evangelizar é anunciar a Jesus Cristo por meio da palavra, do testemunho, e das boas obras proporcionando conversão e adesão a ele por meio da fé, vivida na Igreja, e não somente ensinar uma doutrina. A conversão implica em um ato de mudança do modo de pensar e de agir, como resposta à novidade do Evangelho. Assim fez, por exemplo, Zaqueu, que, ao encontrar-se com Jesus

---

<sup>69</sup> DAp, n. 18.

em sua casa, transformou-se radicalmente, mudando seu pensamento e sua atitude (cf. Lc 19,8-9).

67. O presbítero é servidor e anunciador da Palavra de Deus. Dedicar-se ao primeiro anúncio, ou querigma, à iniciação à vida cristã e à catequese, que é o aprofundamento sistemático dos conteúdos da fé e sua incorporação na vida cotidiana. Ao longo do processo de iniciação à vida cristã, ele irá aprofundar a fé dos catecúmenos e dos fiéis, mediante a leitura orante da Palavra de Deus, o ensino da doutrina e da moral da Igreja, e a experiência eclesial. Esse processo culmina com a recepção dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, e pela progressiva inserção na comunidade eclesial, e encaminha para a participação frutuosa dos demais sacramentos. Por isso, o sacerdote irá “partilhar com todos a verdade do Evangelho, da qual desfruta no Senhor”<sup>70</sup>. Esse trabalho de evangelização é, portanto, próprio do sacerdote, embora não de modo exclusivo, porque as pessoas têm o direito de ouvir dele o anúncio de Jesus Cristo. Por isso, urge não deixar inaudível e inoperante o mandato missionário do Senhor (cf. Mt 28,19)<sup>71</sup>.
68. A evangelização implica também em exortar e em corrigir. Desde o Antigo Testamento, o profeta Malaquias apresentava a razão disso: “pois os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, de sua boca se espera a orientação, porque ele é um mensageiro do Senhor dos exércitos” (Ml 2,7). É neste sentido que também Paulo exorta a Tito: “seja apegado à palavra digna de fé segundo o ensinamento,

---

<sup>70</sup> PO, n. 4.

<sup>71</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização* (03 de dezembro de 2007) 2 e 3.

a fim de ser capaz, tanto de exortar na sã doutrina, como de refutar os que a contradizem” (Tt 1,9). Recomendação semelhante faz a Timóteo: “Esperando a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, à instrução” (1Tm 4,13).

69. São Gregório Magno define bem a tarefa do presbítero de mostrar o caminho correto para o seu rebanho e de apontar o erro, quando ele afirma que o “pastor seja discreto no silêncio, útil na fala, para não falar o que deve calar, nem calar o que deve dizer”, pois tanto uma palavra inoportuna quanto o silêncio podem arrastar ao erro ou deixar de instruir. E continua: “Muitas vezes, pastores imprudentes, temendo perder as boas graças dos homens, têm medo de falar abertamente o que é reto”, por isso, agem como “mercenários que fogem à vinda do lobo”. E pergunta: “Quando o pastor tem medo de dizer o que é reto, não é o mesmo que dar as costas, calando-se?”<sup>72</sup>.
70. É necessário que todo o sacerdote se consagre ao ministério da Palavra e se apegue a ela, para não se tornar anunciador vazio de uma Palavra que não foi escutada nem interiorizada, para que não venha a ser “vão pregador da palavra de Deus externamente, quem não a escuta interiormente”, como afirma Santo Agostino<sup>73</sup>. O Vaticano II recomenda que, especialmente através da Sagrada Liturgia, o presbítero comunique aos fiéis a ele confiados as vastíssimas riquezas da palavra divina<sup>74</sup>.
71. O mesmo é recomendado no rito da ordenação presbiteral, quando, na homilia, advertindo sobre a missão de

<sup>72</sup> SÃO GREGÓRIO MAGNO, Da regra pastoral. PL 77, n. 30-31.

<sup>73</sup> SANTO AGOSTINHO, *Sermo* 179,1. PL 38, n. 966.

<sup>74</sup> Cf. DV, n. 25.

ensinar, o Bispo diz: “Transmite a todos a palavra de Deus, que recebeste com alegria. Meditando na lei do Senhor, procura crer no que leres, ensinar o que creres, praticar o que ensinares. Seja, portanto, a tua pregação alimento para o Povo de Deus e a tua vida, estímulo para os fiéis, de modo a edificares a casa de Deus, isto é, a Igreja, pela palavra e pelo exemplo”<sup>75</sup>.

72. O conteúdo fundamental da evangelização é o anúncio da salvação realizada por Jesus Cristo, filho de Deus, morto e ressuscitado. A salvação é oferecida a todas as pessoas como dom da graça e da misericórdia de Deus<sup>76</sup>. Essa é “a base, o centro e o ápice do dinamismo de toda a evangelização”<sup>77</sup>. Quem acolhe esse anúncio, é chamado à conversão e à vida nova em Cristo. Por isso, esse anúncio da salvação em Cristo, interpela a vida de cada pessoa, pois há uma relação recíproca entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos seres humanos<sup>78</sup>.
73. Como a Sagrada Escritura contém esse anúncio, é necessário ter diante dos olhos que a Palavra de Deus será interpretada de acordo com a Tradição viva da Igreja e a analogia da fé<sup>79</sup>, considerando o conteúdo dos textos sagrados e a unidade de toda a Escritura, a fim de evitar interpretações errôneas e tendenciosas da Sagrada Escritura<sup>80</sup>.

---

<sup>75</sup> PONTIFICAL ROMANO, Rito de ordenação de um presbítero.

<sup>76</sup> Cf. EN, n. 27.

<sup>77</sup> *Ib.*

<sup>78</sup> Cf. EN, n. 29.

<sup>79</sup> Por analogia da fé se entende a coesão das verdades da fé entre si e sua coerência no conjunto da Revelação.

<sup>80</sup> Cf. DV, n. 12.

74. Os novos areópagos exigem uma atenção especial, por parte de quem anuncia a Palavra de Deus, diante dos desafios postos à evangelização. O apóstolo Paulo dá exemplo da sensibilidade necessária para anunciar a salvação de Jesus Cristo, quando, em Atenas, instado a explicar a sua doutrina nova, parte da constatação da existência de um altar dedicado ao “deus desconhecido” (cf. At 17,23). Naquele momento, foram poucos os atenienses que chegaram até a fé cristã. Mas, o Apóstolo não desiste e continua a sua atividade missionária. Hoje, também os leigos e as leigas, a exemplo de Paulo, devem estar capacitados a desenvolver o seu papel evangelizador nos areópagos, especialmente aqueles de difícil acesso ao clero.
75. Neste sentido, o documento final de Aparecida reconhece a cultura pós moderna como um dos desafios atuais para os presbíteros. O processo de evangelização exige o conhecimento da cultura das pessoas às quais será anunciada a Palavra de Deus e o conhecimento do contexto em que vivem, para que se possa semear a semente do Evangelho de tal forma que a “mensagem de Jesus chegue a ser uma interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para os jovens”<sup>81</sup>.
76. Com efeito, o anúncio da Palavra de Deus permanece como prioridade para os presbíteros. Tal recomendação já se encontra no documento de Puebla: “No seu ministério, dêem os presbíteros prioridade ao anúncio do Evangelho a todos, mas muito especialmente aos mais necessitados (operários, camponeses, indígenas, marginalizados,

---

<sup>81</sup> DAp, n. 194.

grupos afro-americanos), incluindo a promoção e a defesa de sua dignidade humana”<sup>82</sup>. Para que isso aconteça, é preciso renovar a vitalidade missionária dos sacerdotes e formá-los em uma atitude de “generosa disponibilidade” a fim de prover lugares onde faltem sacerdotes<sup>83</sup>. Seguindo a mesma linha de pensamento das Conferências anteriores, Aparecida recomenda que a evangelização não esqueça os diversos “rostos sofredores, que doem em nós”<sup>84</sup>; pois, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica”, como afirmou o Papa Bento XVI, no discurso inaugural da Conferência de Aparecida.

#### A homilia

77. A homilia ocupa papel de primordial importância na tarefa do anúncio da Palavra de Deus feita pelo sacerdote. Ela é um dos elementos mais antigos da liturgia da Palavra, herança da sinagoga. Basta recordar a primeira homilia de Jesus em Nazaré (cf. Lc 4,16-21) e as de Paulo nas diversas cidades que visitava. Por isso, é importante levar em conta a qualidade das homilias nas celebrações litúrgicas, evitando omiti-las<sup>85</sup>.
78. A coerência entre a pregação e a vida pessoal do presbítero é fundamental para a boa acolhida da Palavra de Deus, porque os fiéis são sensíveis ao testemunho pessoal e buscam coerência entre a fé e a vida por parte do pregador. Sobre isso, bem observou o papa Paulo VI: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade

---

82 DPb, n. 711.

83 Cf. DPb, n. 712.

84 DAp, n. 392.

85 Cf. SC, n. 52.

de as testemunhas que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”<sup>86</sup>.

79. A homilia deve ser devidamente preparada, através de dois momentos: ela deve ter uma preparação remota (o estudo da teologia, o conhecimento da Doutrina Católica), e uma preparação próxima (entendimento do texto baseado em bons comentários, a *lectio divina*, a oração).

O Sínodo sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*<sup>87</sup>, na proposição 15, indica que a homilia seja nutrida pela doutrina; pois é necessário transmitir o ensinamento da Igreja para fortalecer a fé, chamar à conversão e alimentar a espiritualidade de comunhão, o compromisso evangelizador nas celebrações, cuja fonte principal é o mistério pascal eucarístico.

O mesmo Sínodo recomendou a elaboração de um Diretório sobre a homilia, com o objetivo de orientar esta importante tarefa dos presbíteros.

80. A pregação da Palavra de Deus exige também o uso de linguagem correta e elegante, a fim de ser ouvida com atenção e gosto pelos fiéis. Tal cuidado com a linguagem colaborará para uma adequada escuta e receptividade da palavra do sacerdote<sup>88</sup>. Por isso, é preciso dar atenção ao vocabulário empregado, à boa pronúncia das palavras, a uma aparelhagem de som adequada e, enfim, ao próprio ambiente da celebração.

---

<sup>86</sup> EN, n. 41.

<sup>87</sup> Realizado em Roma, de 5 a 26 de outubro de 2008.

<sup>88</sup> *Presbítero, mestre*, p. 31.

## Os Sacramentos

81. Um elemento fundamental e de caráter mistagógico consiste em manter a unidade entre a Palavra e o Sacramento. O anúncio da Palavra deve conduzir ao mistério sacramental que se celebra, tanto o da Eucaristia como dos outros sacramentos, destacando a unidade entre as duas mesas: a da Palavra e a da Eucaristia. O querigma provoca a fé, e essa, por sua vez, leva aos sacramentos, sinais da graça de Deus e participação no mistério de Cristo, enquanto resposta da pessoa à graça de Deus.
82. Realizar essa unidade entre Palavra e Sacramento é uma das tarefas próprias do presbítero. Sobre isso, o Sínodo de 1971 afirma: “A unidade entre a evangelização e a vida sacramental é sempre algo próprio do sacerdócio ministerial e deve ser cuidadosamente tida presente por todos os presbíteros”<sup>89</sup>. O papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, apresenta o motivo desta inter-relação, ao afirmar que “a vida sobrenatural encontra a expressão viva nos sete sacramentos e na admirável irradiação de graça e de santidade de que eles são a fonte”<sup>90</sup>. E continua, é na ligação entre a Palavra e os Sacramentos que a evangelização “exprime toda a sua riqueza”<sup>91</sup>.
83. É indispensável a relação da pessoa com o anúncio da Palavra e os sacramentos. Deus necessita de homens para poder continuar a proclamar o Evangelho da salvação e efetivar a salvação através dos sinais sacramentais, que realizam efetivamente a obra salvífica na história. Por isso, “Deus, santo e santificador único, quis assumir homens

---

<sup>89</sup> *Sínodo de 1971*, n. 49.

<sup>90</sup> EN, n. 47.

<sup>91</sup> *Ib.*

como sócios e auxiliares seus, para servirem humildemente à obra de santificação. Por isso, é que os presbíteros são consagrados por Deus, pelo ministério do bispo, feitos de modo especial participantes do sacerdócio de Cristo, para, nas celebrações sagradas, agirem como ministros dele, que na liturgia exerce o seu múnus sacerdotal continuamente em nosso favor pelo seu Espírito”<sup>92</sup>.

84. Nesta perspectiva, a Eucaristia adquire importância fundamental, pois ela não só mostra a unidade entre a Palavra e os Sacramentos, mas celebra tal unidade, enquanto Jesus Cristo está presente na mesa da Palavra e na mesa da Eucaristia. Por isso, a Eucaristia toma um lugar central na vida de cada presbítero e das comunidades servidas por ele. Para que isso aconteça, o Vaticano II insiste em que “os sacerdotes, quer seculares, quer religiosos, que já labutam na vinha do Senhor, sejam auxiliados por todos os meios oportunos para que sempre mais plenamente entendam o que realizam nas sagradas funções, vivam a vida litúrgica, e façam dela participantes os fiéis a eles confiados”<sup>93</sup>.
85. Na vida comunitária, a Eucaristia ocupa “o centro mesmo do ministério pastoral”<sup>94</sup>. Além de sua importância teológica para a vida da Igreja, dela também brota a dimensão da exemplaridade do sacerdote quando celebra, pois “a exemplaridade do celebrante é fundamental: celebrar bem constitui uma primeira e importante catequese sobre o Santo Sacrifício”<sup>95</sup>. Por essas razões, ela é “como o coração espiritual da comunidade religiosa e paroquial”<sup>96</sup>.

---

92 PO, n. 5.

93 SC, n. 18.

94 Cf. *Presbítero, mestre*, título 2, p. 37.

95 *Presbítero, mestre*, p. 49; cf. DMVP, n. 49.

96 PAULO VI, *Mysterium Fidei* 74.

86. Muito importante é o sacramento da Penitência ou da Reconciliação, que exerce um papel preponderante seja na vida do próprio presbítero quanto na comunidade a que ele serve. Por essa razão, o Magistério da Igreja vem recomendando com insistência, nas últimas décadas, diante de algumas práticas errôneas desse Sacramento, a sua aproximação frequente, como meio de conversão pessoal e crescimento no seguimento de Jesus Cristo<sup>97</sup>.
87. Enfim, através dos sete sacramentos, o sacerdote irá cultivar o espírito de comunhão em sua comunidade, pois a celebração dos sacramentos supõe, mas também gera e intensifica a união com Deus e com a Igreja. Por isso, “a vida litúrgica da paróquia e a sua relação para com o Bispo deve ser favorecida na mente e na praxe dos fiéis e do clero. Haja esforço para que floresça o espírito de comunidade paroquial, mormente na celebração comunitária da missa dominical”<sup>98</sup>.

### Destaques

88. Os presbíteros, como anunciadores e servos da Palavra de Deus, além do primeiro anúncio (querigma) aos que não crêem em Cristo, ou aos que fraquejaram na fé ou aos que estão com a fé adormecida, estão os presbíteros igualmente comprometidos com a catequese e todo o processo de evangelização. É esse mesmo o empenho pretendido pela Missão Continental, lançada pela Conferência de Aparecida, e explicitada no Brasil pelo *Projeto Nacional de Evangelização*<sup>99</sup>.

---

<sup>97</sup> Ver as recomendações sobre o desenvolvimento do ministério da Reconciliação em *Presbítero, mestre*, p. 46 e 47.

<sup>98</sup> SC, n. 42.

<sup>99</sup> Cf. Documentos da CNBB n. 88.

89. As indicações dadas pelo Papa João Paulo II, na *Novo Millennio Ineunte*, tendo em vista a atividade evangelizadora no início do milênio, são muito sugestivas. Em qualquer período da história humana é necessário sempre partir de Cristo e tê-lo como centro da evangelização. Isso posto, o Papa aponta sete prioridades a serem levadas em conta no trabalho de evangelização:
- 1ª cultivar a santidade, horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral, que leva ao seguimento de Cristo;
  - 2ª um cristianismo que se destaque pela arte da oração, necessária para a pedagogia da santidade e da generalizada exigência de espiritualidade;
  - 3ª a importância da liturgia, acontecida depois do Concílio, deve prosseguir na importância dada à Eucaristia dominical e ao domingo;
  - 4ª coragem pastoral para propor, de forma persuasiva e eficaz a prática do sacramento da Reconciliação;
  - 5ª respeitar o primado da graça no cristianismo;
  - 6ª renovada escuta da Palavra de Deus, difundindo, ainda mais, a leitura da Bíblia, também nas famílias;
  - 7ª ímpeto apostólico no anúncio da Palavra de Deus<sup>100</sup>.
90. É necessário que o presbítero tenha consciência de que anuncia o Evangelho de Jesus Cristo não em nome próprio, mas em nome da Igreja e conforme o ensino do Magistério. Assim, esse anúncio que ele faz da Palavra de Deus terá que ser sempre realizado em comunhão (*koinonia*) com o bispo e demais presbíteros, membros de um presbitério, em comunhão com a Igreja local e com a

---

<sup>100</sup> Cf. NMI, n. 29-41.

Igreja Universal, tendo, portanto, por base o amor a Jesus Cristo e a seu Corpo, que é a Igreja.

91. O diálogo é fundamental na evangelização, porque proporciona “compreender as razões e os sentimentos dos outros”, o que supõe gratuidade e caridade, de tal modo que a Palavra não seja apenas proferida, mas “adequadamente comprovada no coração dos seus destinatários”<sup>101</sup>. Isso exige ter em conta as situações concretas das pessoas, suas esperanças e seus sofrimentos, o que favorecerá a abertura dos corações e o partilhar as experiências espirituais e religiosas. Nesse sentido, há que se lembrar de que o serviço é componente intrínseco no processo de evangelização.
92. O anúncio da Palavra exige, também, a atitude de ir além das fronteiras, tanto culturais quanto geográficas. Deverá usar todos os meios ao seu alcance, incluindo os Meios de Comunicação Social, a fim de possibilitar um anúncio cada vez mais apto a ser ouvido e acolhido pelas pessoas de hoje, em todos os ambientes.

---

<sup>101</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da Evangelização* 8.

# **CAPÍTULO III**

## **EDUCADOR DA FÉ E DA MORAL DA IGREJA**

93. A evangelização é ato eclesial<sup>102</sup>. O sacerdote anunciará a Palavra de Deus como animador e educador do Povo de Deus. Por meio desta tarefa, ele propiciará a iniciação na vida cristã da comunidade eclesial e a formará na vida de fé e na moral.

O anúncio da Palavra de Deus é inseparável do ensinamento da Doutrina e da Moral da Igreja, porque estas decorrem da mesma Revelação. A Igreja vive, testemunha e zela pela fidelidade à Revelação. A Evangelização é ato eclesial,<sup>103</sup> por isso, neste ministério pastoral, o sacerdote levará em conta as normas da Igreja e permanecerá fiel à disciplina eclesiástica, pois “a fidelidade para com Cristo é inseparável da fidelidade para com a sua Igreja”<sup>104</sup>.

### **A Doutrina e a Moral da Igreja no mundo de hoje**

94. A sociedade contemporânea dá motivos para provocar admiração e atração diante do grande progresso científico e tecnológico, até mesmo pela sede de valores presentes, impulsionando na direção da busca incansável da justiça e da paz. Contudo, instigadora é a preocupação quanto à compreensão de outros valores fundamentais e inegociáveis, trazendo comprometimentos para a conduta social e polí-

---

<sup>102</sup> Cf. EN, n. 60.

<sup>103</sup> Cf. EN, n. 60.

<sup>104</sup> PO, n. 14.

tica, a consideração inadequada do sentido da economia, na contra mão da solidariedade, bem como um entendimento da vida humana que prescinde da insubstituível referência ao transcendente. Inquestionavelmente, aqui reside um nó de questões que precisam receber redobrada atenção, intervenções educativas e respostas corajosas.

95. Diante do relativismo de valores, subjetivismo, individualismo, empecilhos desafiadores à moral cristã, o Papa Bento XVI bem adverte: “Percebe-se, contudo, certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica, devido ao secularismo, ao hedonismo, ao indiferentismo e ao proselitismo de numerosas seitas, de religiões animistas e de novas expressões pseudo-religiosas”<sup>105</sup>.

## **A fundamentação bíblica**

96. A moral cristã tem seu fundamento, além da lei natural, na Lei de Cristo: “Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34-35). Com essa afirmação, Jesus traçou o horizonte insubstituível do caminho do discípulo. Esta exigência moral nasce do princípio fundamental da fé cristã “porque Deus é amor. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4,8.10). Não há outro processo

---

<sup>105</sup> BENTO XVI, *Discurso na sessão inaugural da V Conferência do Episcopado Latino Americano em Aparecida* (13 de maio de 2007), n. 2.

educativo para a conquista de ser nova criatura. Esta é a graça fundamental do Batismo e a integral exigência de sua vivência autêntica, fecundando a alegria do testemunho que convence, congrega e produz frutos.

97. A Lei de Cristo está fundada nos mandamentos da Primeira Aliança, dados a Moisés como sinais do amor de Deus pelo seu povo. É através deles que o povo sabe claramente como responder ao amor de Deus que é amor (1Jo 4,8). O mesmo espírito se encontra no Novo Testamento. Jesus Cristo, no sermão da montanha (cf. Mt 5-7), apresenta o amor a Deus e ao próximo como ideal válido para todo aquele que o quer seguir com coração sincero e está disposto a pautar a sua vida por esse ideal. De forma especial, as bem aventuranças traçam uma nova conduta, que conduz a pessoa à felicidade, mas que exige dela uma mudança interior, pois requer a superação do egoísmo e da egolatria, para se converter em pessoa generosa e altruísta.
98. O presbítero, discípulo missionário, é permanentemente desafiado a crescer na consciência de que foi enviado: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21). Ele respeita a Palavra de Deus, porque não é sua, mas de Deus Pai que o enviou, como diz Jesus: “A palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14,24).
99. Timóteo dá exemplo de como deve agir o sacerdote empenhado em seu ministério pastoral. Paulo recomendava a ele que permanecesse firme na fé no desempenho de seu ministério, “combatendo o bom combate da fé” (1Tm 6,12). Paulo dava, ainda, outras recomendações a ele: “Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a,

se desviaram da fé” (1Tm 6,20s). Estas recomendações de Paulo são, também, válidas para os sacerdotes de hoje, que necessitam ter percepção da situação de seus fiéis, animando-os e educando-os na fé e na moral da Igreja.

100. O sacerdote também deve zelar para que a própria conduta esteja de acordo com a fé e a moral da Igreja. Nesta direção é que se compreendem as admoestações que Paulo fazia a Timóteo. Assim, o apóstolo exorta ao discípulo Timóteo: “permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendeste” (2Tm 4,14). Diante da tentação de esmorecer na tarefa de exortar a comunidade a ter uma conduta de acordo com o Evangelho, Paulo admoesta a Timóteo: “Eu te peço com insistência, pela manifestação de Cristo e por seu reinado: proclama a Palavra, insiste oportuna ou inoportunamente, convence, repreende, exorta, com toda a paciência e com a preocupação de ensinar” (2Tm 4,1-2).
101. Paulo exortava, também, a Tito pedindo-lhe que não deixasse de pregar a doutrina de acordo com a tradição recebida, isto é, de acordo com o Evangelho; e recomendava: “Quanto a ti, fala do que pertence à sã doutrina” (Tt 2,1). Admoestação semelhante Paulo deu a Timóteo, pedindo-lhe que não se deixasse levar pelo medo de ser considerado antiquado ou desatualizado. Tal receio, por vezes, pode ser maior do que o ardor pela Palavra de Deus. E Paulo exortava a Timóteo: “Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouviste, com fé e com amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bem depósito, por meio do Espírito que habita em nós” (2Tm 1,13-14). A tentação de não exortar, chamando as pessoas aos bons costumes e ao respeito à moral da Igreja, é ainda hoje muito atual.

## A fundamentação teológica

102. A fonte da verdade que a Igreja proclama é a revelação e as verdades da lei natural que ela assume e ilumina. A Escritura, a Tradição e o Magistério se constituem a fonte da reflexão teológica da Igreja e critério de verdade. É por essa razão que o cristianismo não é “propriamente a religião do livro, mas a da Palavra”<sup>106</sup>, que tem sua razão de ser em Jesus Cristo, o redentor e único mediador da salvação, que, por sua vez, torna o cristianismo não uma ideologia, mas uma Pessoa a ser assumida como a verdade para a vida das pessoas. Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Nesse sentido, afirmava o Papa Bento XVI na inauguração da Conferência de Aparecida: “Só quem reconhece Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano. A verdade dessa tese é evidente ante o fracasso de todos os sistemas que colocam Deus entre parênteses”<sup>107</sup>.
103. A salvação de Deus se realiza na condição humana. Por isso, a corporeidade assume uma dimensão salvífica, mostrando a importância do respeito à dignidade humana e a observância do mandamento do amor que resume a Lei e os Profetas. Como fruto da graça e da eleição gratuita, o presbítero se coloca à disposição de Deus para realizar a obra salvífica. Escolhido, ungido e enviado, o presbítero, a exemplo de seu Mestre e Senhor, é constituído profeta da Boa Nova do Reino de Deus: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-

---

<sup>106</sup> Discurso do Cardeal Marc Ouellet no Sínodo sobre a Palavra de Deus. *L'Osservatore Romano* (edição semanal em Português), ano XXXIX (2008), n. 41, de 11 de outubro de 2008, p. 17.

<sup>107</sup> BENTO XVI, *Discurso na sessão inaugural da V Conferência do Episcopado Latino Americano em Aparecida* (13 de maio de 2007), n. 3.

Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18-19) , leu Jesus na Sinagoga de Nazaré, e concluiu, causando admiração: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4,21). Compreende-se, pois, que a pregação da Palavra de Deus se constitui no mundo de hoje numa missão profética com as dimensões intrínsecas de anúncio e denúncia (cf. Jr 1,10). Do presbítero se espera a corajosa atitude de assumir as consequências desta eleição profética nas condições e circunstâncias todas de sua existência.

104. É nesta perspectiva que devem ser interpretadas a orientação moral da Igreja e suas normas. A moral cristã, ensinada pela Igreja, tem, como objetivo, a realização plena da pessoa humana<sup>108</sup>. As normas não tolhem a liberdade pessoal, mas contribuem para o cumprimento da vontade de Deus, porque “a legislação da Igreja tem por fim maior perfeição da vida cristã, para melhor cumprimento da missão salvífica, e deve, portanto, ser vivida com ânimo sincero e boa vontade”<sup>109</sup>.
105. A Igreja exerce um papel ético na sociedade de hoje. Ela colabora com o mundo de acordo com a sua missão específica. Diante de sua finalidade espiritual, ela se coloca a serviço da humanidade em vista ao bem comum. Como tal, ela busca uma ética universal, a partir da revelação e

---

<sup>108</sup> JOÃO PAULO II, *Veritatis Splendor* 39.

<sup>109</sup> *Presbítero, pastor e guia* 15.

da lei natural em diálogo com as culturas e as diversas tradições religiosas do mundo<sup>110</sup>.

106. A missão de educar na fé e na moral, própria do sacerdote, será exercida em comunhão com toda a Igreja. O presbítero está inserido em uma Igreja-comunhão: “Para servir à Igreja – comunidade organicamente estruturada de fiéis dotados da mesma dignidade batismal, mas de diversos carismas e funções – é necessário conhecê-la e amá-la, não como desejariam as modas passageiras de pensamento ou as diversas ideologias, mas como foi querida por Jesus Cristo, que a fundou”<sup>111</sup>.
107. A mesma motivação é válida para com a hierarquia da Igreja. O presbítero exerça seu ministério em profunda comunhão com seu bispo e com o ministério de Pedro. A propósito, o *Directório* enfatiza: “todo presbítero tenha um profundo, humilde e filial vínculo de caridade com a pessoa do Santo Padre e adira ao seu ministério petrino de magistério, de santificação e de governo, com docilidade exemplar”<sup>112</sup>. O documento de Aparecida, por sua vez, ressalta a importância da eclesiologia de comunhão para todos os membros da Igreja, mas de modo particular para os sacerdotes<sup>113</sup>.

## Destaques

108. A vida humana é um dom fundamental e bem supremo a ser defendido pela Igreja, em todas as circunstâncias,

---

<sup>110</sup> Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Em busca de uma ética universal. Novo olhar sobre a lei natural*. São Paulo: Paulinas, 2009.

<sup>111</sup> *Presbítero, pastor e guia* n. 16.

<sup>112</sup> DMVP 24.

<sup>113</sup> Cf. DAp 154-156.

desde a fecundação até a morte com o declínio natural, porque cada pessoa é “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26). O presbítero, educador da fé e da moral da Igreja, tem a grave responsabilidade de promover a cultura da vida, ensinando, advertindo, proclamando, denunciando e fomentando o compromisso com a sacralidade da vida. Há de estudar para proclamar e ensinar, quotidianamente, com clareza e incidência, os ensinamentos do Magistério da Igreja, particularmente acerca da abominação do aborto, da arbitrariedade da eutanásia, bem como ofertar, permanentemente, o conhecimento do tesouro da Doutrina Social da Igreja, garantindo uma consciência social e política ancorada nos valores do Evangelho em vistas da cidadania. Muito importante, também, e indispensável na pregação e ensinamento na missão de cada presbítero, é conhecer e acompanhar os desenvolvimentos e avanços da ciência, especialmente no complexo âmbito da biotecnologia, oferecendo a esse respeito, a pesquisadores, políticos, intelectuais, construtores da sociedade pluralista e ao povo em geral, compreensão clarividente à luz do Evangelho e do ensinamento Magisterial da Igreja que confia ao presbítero a missão de primeiro catequista e educador da fé do Povo de Deus.

109. O presbítero desvelará especial cuidado à família, “sanatório da vida”<sup>114</sup>, porque é um dos tesouros insubstituíveis da humanidade, na cultura e na sociedade, enquanto lugar privilegiado de aprendizagem da fé e da vida comunitária. Aí é o lugar do nascimento e da acolhida da vida humana. No entanto, ela sofre as consequências do relativismo ético, do secularismo, do empobrecimento,

---

<sup>114</sup> JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus* 39. Cf. também DP, n. 590ss; DSD, n. 214; DAp, n. 432-437.

de exclusões e da legislação civil adversa aos valores cristãos a serem vividos e preservados. O educador da fé e da moral da Igreja, o presbítero, não faz concessões a entendimentos que estão na contra mão dos valores do Evangelho, tais como as legalizações do aborto, das uniões homossexuais ou outros programas de vários tipos, especialmente no âmbito sanitário, comprometedores da moralidade e da ética cristãs. Será sempre urgente promover a valorização e o respeito pela família, como célula da Igreja, e pelo amor conjugal. É necessário organizar e promover uma pastoral familiar e matrimonial, dando atenção especial ao tempo de namoro e de noivado, conforme recomenda o *Vade-mécum para confessores sobre a vida matrimonial*, do Pontifício Conselho para a Família, de 12 de fevereiro de 1997.

110. A formação dos futuros presbíteros deve incluir o estudo acurado dos Documentos do Magistério da Igreja, fomentando fidelidade e sincera adesão, incluindo especialmente o estudo e o conhecimento do *Compêndio dos Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*, o *Catecismo da Igreja Católica*, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, o *Código de Direito Canônico*, para habituar cada formando a referir-se a estes na pregação, na catequese, no ensino e nos posicionamentos em escritos e no mundo da comunicação social.
111. Essa formação deve privilegiar a educação da consciência moral dos seminaristas, a fim de ser evitada vida dupla e atuação pastoral restrita ao âmbito profissional, unindo o ser sacerdotal e o ministério pastoral. Isso também evitará reduções arbitrárias e o desprezo pelas normas morais da Igreja, propiciando a necessária fidelidade à doutrina

da Igreja, também na direção espiritual e no confessionário, assim como orientações diversificadas sobre mesmos pontos doutrinais e morais.

## CONCLUSÃO

112. A alegria do serviço evangelizador na missão da Igreja requer empenho e investimentos permanentes para o novo estilo de presbítero, discípulo e missionário. O testemunho do apóstolo Paulo pode servir de meta e de lema para cada presbítero diante da situação dos desafios ao ministério pastoral: “Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16). Este é um grande compromisso e fonte inesgotável para manter a Igreja em estado permanente de missão.
113. Portanto, é necessário servir ao rebanho do Senhor, conduzindo-o com amor e com fortaleza, a partir do rumo a ser apontado para a vida cristã, que é dado pela Palavra de Deus. Com efeito, o presbítero demonstrará a centralidade de Jesus Cristo em sua vida por meio da meditação e do testemunho da Palavra da Verdade, encontrada nas Escrituras. A desejada redescoberta de Jesus Cristo, através de seu seguimento, como “discípulo missionário”, contribuirá para a redescoberta da identidade Cristã.
114. Esse Subsídio Doutrinal, *O Presbítero, anunciador da Palavra de Deus, educador da fé e da moral da Igreja*, se apresenta, ao mesmo tempo, como um ideal e como um itinerário de vida a ser buscado por todos e cada um dos presbíteros do Brasil. Não quer ser mais um entre outros tantos textos, mas quer convidar a cada presbítero a traduzir, em sua vida pessoal e ministerial, o exemplo de São João Maria Vianney, que conseguiu sintetizar a santidade pessoal com a caridade pastoral.

115. Enfim, o Brasil necessita de uma Pastoral Vocacional simultaneamente respeitosa e audaciosa, enquanto deve propor o ideal do sacerdócio aos seus jovens, não temendo apresentar seu estilo próprio de vida e a necessidade de seguidores de Cristo por meio da vocação ao sacerdócio, porque a messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Por isso, é necessário rezar pelas vocações, a fim de que o senhor da messe envie operários para a sua messe (cf. Lc 10,2). Este incalculável desafio seja vivido por todos os presbíteros, sustentados pela graça e pela presença amorosa de Cristo Jesus que continua a dizer aos seus: “Quem vos escuta, a mim escuta; e quem vos despreza, a mim despreza; ora, quem me despreza, despreza Aquele que me enviou” (Lc 10,16). “Se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa” (Jo 15,20).
116. Que a Virgem Santíssima, mãe de Deus e mãe de todos os sacerdotes, interceda por todos os presbíteros, a fim de que eles possam, revigorados em sua vida espiritual, se dedicar totalmente à obra evangelizadora, com fidelidade a Cristo e à sua Igreja. É inspiradora a afirmação do Papa Bento XVI, quando expõe a relação existente entre sacrifício, sacerdócio e encarnação, na qual, caminhando juntos, Maria ocupa o centro: “Por conseguinte, o ‘sim’ de Maria é a porta através da qual Deus pode entrar no mundo, fazer-se homem. Assim, Maria está real e profundamente comprometida no mistério da encarnação, da nossa salvação. E a encarnação, o fazer-se homem do Filho, estava desde o início finalizada para o dom de si; ao doar-se com muito amor na cruz, para se fazer pão pela vida do mundo. Assim, sacrifício, sacerdócio e encarnação caminham juntos, e Maria está no centro deste mistério. (...) Efetivamente, Maria tem predileção por eles

(sacerdotes) por dois motivos: porque, são mais semelhantes a Jesus, amor supremo do seu coração, e porque também eles, como ela, estão comprometidos na missão de proclamar, testemunhar e oferecer Cristo ao mundo”<sup>115</sup>.

---

<sup>115</sup> BENTO XVI, *O vínculo com Maria transforma a vida dos sacerdotes*. Audiência geral de quarta-feira, dia 12 de agosto de 2009. *L'Osservatore Romano* (edição semanal em português), ano XL, n. 33, p. 8.













